

O Fórum Social Mundial

Abandonada pelo povo, a edilidade não cogitava do asseio da praça. De quando em vez, surgia ali um “libambo”, que procedia à limpeza de uma parte do capinzal, o que equivalia a um aviso de que ia ser enforcado algum criminoso. Para esse ato a praça era preparada com dois ou três dias de antecedência e, à noite, véspera da execução, armava-se a forca.

A notícia circulava rapidamente, e não faltava quem mandasse prevenir os amigos, na chácara dos subúrbios, que em tal dia haveria um enforcamento. O reboliço era geral na cidade: as donas de casas preparavam os filhos e os negros; os patrões, os caixeiros; os comandantes dos corpos, os seus soldados; os mestre-escolas, os discípulos, para que todos assistissem a execução do condenado como exemplo vivo da sorte reservada aos criminosos. Enquanto, aqui fora, o pro-vo preparava-se para a fúnebre cerimônia com o maior entusiasmo, lá para os lados do Portão (hoje praça Conde de Porto Alegre), no quartel do 8, o infeliz condenado, avisado pelo oficial de justiça ou por algum companheiro de infortúnio, começava o seu período de agonia, de longa agonia, passando a contar, minuto por minuto, as horas que se passavam.

A Misericórdia, mal recebia comunicação do dia da execução, imediatamente tomava para si, o sustento do preso, remetendo-lhe boa alimentação, bem como pão-de-ló e vinho do Porto.

Um sacerdote procurava sem demora o preso e, durante longas horas, procurava dar-lhe conforto espiritual. Os parentes do condenado tinham entrada franca no xadrez no “oratório” como chamavam, onde o criminoso, tendo os pés ligados a pesadas algemas, permanecia dia e noite sob a custódia de sentinelas.

Poucas horas antes da execução, seguia para a praça uma pequena força armada e o “carrasco” que era sempre um condenado à morte, perdoado “sub conditione” de exercer a sinistra função.

O carrasco presidia à colocação da forca, examinava as travas e, dando por tudo pronto, voltava à prisão. Então, já começava o raiar do dia. Num canto do calabouço estava acorado o miserável que, em pouco, veria romper a sua última madrugada. Dali a momentos apareciam junto ao sentenciado o juiz de execuções, o escrivão da justiça, o meirinho e os irmãos da Santa Casa.

O juiz de execuções mandava ler a sentença, que o pobre condenado já conhecia de cor, linha por linha. O carrasco, a seguir, retirava as algemas e manietava-lhe os braços, depois de lhe vestir largo casaco de algodão branco. Finalmente, o sacerdote colocava-lhe entre os braços uma imagem de Cristo crucificado.

Imediatamente, saía do xadrez o preso, sendo logo rodeado pela força, que formava um quadrado. O condenado levava a um lado o sacerdote e ao outro um irmão da Santa Casa, empunhando a bandeira da Misericórdia.

Por esse tempo, já ps sinos da igreja, badalavam lugubremente, a finados.

O desgraçado, já meio inconsciente, ouvia o choro plangente dos sinos, antes de sua morte.

Formava-se o cortejo. À frente irmãos da Santa Casa; logo depois, o juiz das execuções, pessoal da justiça e, finalmente, o “quadrado”.

O juiz apresentava-se sempre em vestes de grande gala: casaca azul, com botões amarelos. Próximo ao magistrado caminhava solenemente o meirinho, o “Papa-Léle” bradando, de vez em quando, com voz soturna - “Vai-se executar a setença de morte natural, na forca, proferida contra o réu....”. E lia a sentença.

O “Papa-Léle” era um crioulo que durante meio século, exerceu as funções de meirinho, nesta capital.

Ao sair do portão do quartel, era o cortejo rodeado pela grande massa popular, que, ansiosa, esperava. Todos, então, seguiam para a capela dos Passos, onde, no altar-mór, um sacerdote rezava missa pela alma do “padecente”. Este, ladeado pelo seu confessor, pelo irmão da Misericórdia e pelo carrasco, ajoelhava-se na porta da capela e dali ouvia a missa rezada em sua intenção [...]

Antes de levantar-se a Deus o juiz das execuções mandava erguer o “enforcado” e começava a marcha de novo descendo a rua da Praia ou dos Andradas, até o largo da Forca. A rua ficava apinhada de gente e na praça era difícil o movimento. A cada momento ouviam-se “padre-nossos” e “aves-marias” por alma do enforcado e os clamores dos espertalhões, que pediam esmolas para missas rezada. Estava prestes a terminar o suplício.

Chegados ai patíbulo, o meirinho lia, pela última vez, a sentença e o calafrio da morte arrepiava a epiderme do infeliz que , ao lado do carrasco e de seu ajudante, subia os degraus da forca.

Nessa ocasião, era completo o silêncio que reinava na enorme massa popular. O criminoso, não raro, aproveitava-se deste momento, para falar ao povo, ora dizendo-se inocente, ora confessando-se arrependido e pedindo que rezassem por sua alma um “padre-nosso” e uma “ave-maria”.

O carrasco, depois de verificar o estado da corda com a qual fazia o laço no pescoço do réu, amarrava uma das pontas à trave do cadafalso. E colocava-se-lhe por trás ao mesmo tempo que o padre começava a rezar o “Creio em Deus Pai” que o paciente repetia com fervor delirante.

Da Segunda metade da reza para o fim, o padre vinha descendo os degraus da forca e, já de costas para o topo, ao proferir “na vida eterna” - o carrasco empurrava o desgraçado, cavalgando-lhe os ombros e estribando-se fortemente nos pulsos ligados.

O corpo do infeliz balançava horrorosamente no vácuo, de língua de fora, com os olhos saltando das órbitas. Durante alguns segundos esperneava desesperadamente, debatia-se, té morrer. E o silêncio continuava na praça, lúgubre e sinistro.

O corpo era, então, retirado da forca, o “licenciado” ou cirurgião constatava o óbito, lavrando-se um têrmo assinado pelo juiz, o perito e pelos escrivães.

A for a e o povo puinham-se em movimento, ao mesmo tempo que a Irmandade da Misericórdia tomava conta do cadáver, para o enterrar. [...]

A cena do enforcado repetia-se três ou quatro vezes por ano, em Porto Alegre. Depois da morte de Mota Coqueiro, o infeliz que pagou com a vida o crime do outro, o imperador Pedro II não consentiu mais na execução de pessoa alguma. A pena de morte, desde então foi comutada na de ‘galés perpétuas’. O código penal da República abolira a pena capital.

Archimedes Fortini
Revivendo o passado, 1953.







